



SALVADOR — Gilberto Gil deixou falado no longo de duas páginas do "Correio da Bahia" tendo como interlocutor Luis Claudio Garrido. E discorre amplamente sobre temas controversos, como é de seu apetite costumeiro. Assim, Gil esclarece que nunca previu a abertura política do Presidente Geisel.

— Eu não previ nada. Eu simplesmente queria essas coisas. Eu tinha a coragem de dizer que queria isso. E acho do mais sensato essa necessidade por precisar disso, por sentir essas coisas inevitáveis e inadivels para o Brasil.

— Eu era obrigado, como qualquer pessoa que se supõe astuta, inteligente, viva, a procurar os primeiros sinais dessas coisas. Então, eu via no Presidente Geisel um sinal disso na forma dele manipular o processo governamental. Na maneira de ele conceder para as esquerdas e para as elites. Além do mais eu sabia, como ele e qualquer pessoa informada sabia, que as coisas tinham que mudar. Então eu sabia, todo mundo sabia e só "criticos" não sabiam! Não sabiam porque não queriam, porque são uma bobagem. "Perquitos" como é que tantos anos de innesco econômico, de empobrecimento acentuado, de fraqueza da cultura, que dizer, uma série de impasses criados nestes anos todos, o sistema não vai mudar? Eles não queriam era ver.

Isso eu estou vendo daqui, do meu canto, e o Presidente não vai? Logo eu, uma pessoa que não mexe com nação, não tenho nada a ver com isso, e outro sabendo, e o Presidente tem o Serviço Nacional de Informações não vai saber? Não foi visionário, apenas arramava o quebra-cabeças e fazia os dados que tinha nas mãos, olhando as alternativas. O problema era um só: eu abriu ou fechava. E qual era a conveniência de fechar mais? Nembarra, para ninguém.

— Eu acho que abriu. Se comparar a situação brasileira hoje com a de direito de opinião, direitos humanos, e olhar sete, oito anos atrás, vai ver que é diferente. E não reconhecer isso é um absurdo.

— Não sei se a censura de jornal e de músicas acabou mesmo. Eu acho que ela foi atenuada na sua rigidez. E esses atenuamentos podem ser considerados como desreperção ao Cristo e não acredito que tenham acabado.

— Sobre novas formas de censura não falo, mas é como recentemente me parecia com Chico Buarque, "Clube", está sendo vítima por parte de alguns bispos que sentem a canção como desreperção ao Cristo e não acreditam de seus parapolíticos como portadores de "sentimentos antierísticos".

— Cada um o que é — diz Gil. — Se o bispo está tomando para si os dores do Cristo, achando que pode exercer a capacidade discriminatória do Cristo sabendo o que é ruim ou bom, é um problema, digamos, de foro íntimo, problema pessoal. Agora, é uma música que reflete a minha maneira de ver um determinado momento. Eu não tem gosto dela, especialmente. Acho ela comprometida com o espaço do desespero, da exilidade. E uma música não significativa dentro do meu trabalho. Eu não gosto de ficar falando daquela carência daquele tempo, quando eu pretendi refletir um problema em relação ao qual muitos estão completamente enganados, inclusive os bispos que a chamaram de "antierístico", ela reflete uma carência da comunidade, mais pelo que eu não tinha, pessoal. Inclusive ela é anterior a mim, no meu processo pessoal. Individualmente. E acho que é anterior a Chico também. Ele é uma pessoa que está mais à frente que essa coisa toda. Eu não levavo-se em conta que ela foi feita cinco, seis anos atrás, eu sou contra ela. Acho uma coisa mais reventalista. Quer dizer, gosto dela, mas a considero uma coisa antiga, desatualizada, excessivamente questionada.

Quanto a sentimentos antierísticos, acho que há um equívoco total. Já que não vejo nenhum absurdo em algum, mesmo o Cristo, um dia perdido a cabeça, e o Chico, um chiqueiro e chiqueiro meteu bronca no pessoal. Cristo era um homem. Ele veio para redimir o homem e não para estabelecer a lei e a violência. Esse Arcebispo do Pará não está sendo inteligente agora, embora possa ser uma pessoa inteligente. Mas do mesmo jeito que ele condena a minha música eu condeno as declarações dele.

Os artistas balanos são constantemente acusados de agir através de uma "panelinha" mais ou menos fechada. O que não é verdade totalmente.

— Quando... vem o Fagner e se quer que o Caetano não fale dele nas entrevistas... Se ainda ele fosse um gênio (coisa que não é), sendo ele um artista legal o tal a gente faz força, muita força, mas... eu, por exemplo, iniciei minha entrevista para a "Veja" dizendo "eu quero 4 mil", que é uma frase de Luiz Melodia. Quer dizer, eu estou dando uma força para ele me identificando com a forma dele pensar, com a poesia dele, eu me identifico com tudo.

— Chico Buarque, por exemplo, um não-balano, tá o "Espetral" dele na televisão e não havia coisa melhor: porque ele é um grande criador, e um gênio, e caso de falar. Agora Chico é uma coisa que não dá para se identificar o gênio. E ali só não pode entrar nada do que ele é.

Gilberto Gil incendeia o verão falando de 'Caixe', Chico, ideologia, Geisel



GI: "Não estamos estabelecendo nossas bilotas"

— Não é qualquer boboca que vai chegar aí com duas ou três músicas e acha que a gente tem que sair dizendo que não é absurdo o que ele falou lá no meio. Aláls Jorge Amado, Glauber Rocha e outros estão ofendendo o mesmo tipo de presso. No fundo, a gente acaba tendo que admitir que há uma componente racista nessa história. Uma coisa antibalana. Pode parecer até absurdo mas tem, é uma coisa incoerente.

E Gil não se cansa de reafirmar os direitos (e até deveres) dos artistas e intelectuais participarem das coisas que lhes são feitas dentro do processo cultural do País e de sua formulação e execução.

— A gente tem que cuidar das coisas da gente. O mesmo problema da arte industrial e da arte política. Da mesma forma que ela é industrial ela é política. Quer dizer, não adianta os puristas, os sonhadores ficarem dizendo "a arte não tem nada a ver com política...". Tem que ter. Até por negar isso já está tendo... De que adianta dizer "ah... porque a situação... não adiantam essas coisas, não... a arte é política nesse sentido. Então pergunta-se: quais são as instituições da política que se relacionam com a arte de uma forma ou outra. São essas e aquelas. E o Ministério da Educação e Cultura que exerce o poder em relação às artes. Então o artista tem que estar lá, por pertir, admitir, participar. Porque de uma certa forma é um

ministério que preserva a cultura, que cria projetos para dinamizar a sua produção e distribuição. Pode ser positivo ou negativo em relação à cultura, depende da pessoa e da administração que estiver sendo feita.

— Pois... Daqui a pouco vou dizer que foi Glauber quem gritou e já ganhou um ministério para a Bahia. Mas se livresse um carista ou paulista que gritasse antes, talvez o ministério saísse para lá.

(Nesse ponto Gil explode em sonora e marcantíssima gargalhada). As posições têm que ver é que a ação é que determina o resultado do fruto. Quer dizer, você não vai colher sem plantar.

Em relação à vontade que muitos setores da ditã "Inteligência Nacional", no sentido de um engajamento ideológico de Gil e Caetano, o "Crisão Chines" se enfurce: — Eles nunca compreenderam bem o espaço em que nos movemos, que é o espaço da insegurança, poderia até ser mais pormenorizado como "espaço de insegurança nacional". Na verdade, muitos intelectuais comunistas ou socialistas são uns tremedões e antigos bobocos, fazendo sempre o mesmo e pequeno joguinho do poder. Eles querem que você saiba uma certa área de influência e através disso imponha a sua ideologia. Você tem que lutar aquilo que você conquistou um poder. Tem que transformar tudo naquilo que eles querem. Isso é o modo

cultural convencional no Brasil, e a gente desiste disso. Nós somos pessoas livres dentro do processo cultural brasileiro e por isso somos sempre pessoas muito modernas. A gente abre as coisas e vê mil gentes atrás. Caetano trouxe muita coisa para muita gente com muita grandeza e generosidade. Ao mesmo tempo com força e liberdade, porque ele poderia estar usando isso e se projetando através disso. Mas ele fez tudo com amor à criação, pelo fato estético. E por isso eles nos acusam de "esteticistas". Eles acham que nós somos "formalistas" em contraposição a eles, que seriam "conteudistas".

O que eu chamo de conteúdo é a discussão política e a consciência social. O que ocorre é que a gente transita em trilhos mais ou menos folgados, porque em grande parte foram por nós mesmos determinados e não pela vontade dos outros ou por qualquer outro tipo alheio de expectativa em relação ao nosso trabalho e ao espaço cultural que ocupamos. Nós mesmos estabelecemos as nossas bilotas, sem contar com as bilotas naturais da censura, sistema político estabelecido etc. Mas, dentro do processo de criação, não estabelecemos as nossas próprias bilotas. E os caras não suportam isso, porque eles precisam sempre estar a rebuque de uma cartilha ideológica. De um pensar alinhado com alguma coisa. E a gente não está alinhado.

A recente briga de Caetano Veloso com grande parte da crítica musical tem em Gil um combatente solidário e, talvez, mais incendiário:

— Os orgãos de imprensa ignoram o novo trabalho de Caetano e um absurdo a ser denunciado. Tem que acabar essa coisa de os caras ficarem por aí em nome de preferências e disputas pessoais, passando isso como parâmetros de julgamento. Quando a verdade não são. São desavenças pessoais. E o repórter que não gosta de Caetano porque Caetano mostra a transparência dele, repórter. Então ouve o diabo e fica contra ele de ouvir. Isso é burrice, é falta de intenção, de grandeza profissional.

E explode em indignação diante do prêmio "Simonal de Ouro" que em São Paulo foi atribuído a Caetano como melhor artista brasileiro.

— Pois é... Queriam comparar Caetano com dede-duro. Se algum pensar bem, só no fato de quererem atribuir essa falsa acusação a Caetano eles é que estão assumindo a postura de dede-duro. Querem inverter os papéis...

E Gil encerra o assunto falando sobre as possíveis causas de tantos equívocos e incompetências que vêm em grande parte dos que exercem profissionalmente a crítica artística no Brasil:

— Existe o problema de posicionamento: às vezes quem escreve tem sensibilidade, mas está comprometido com visões particularistas ligadas à política, à ideologia, a interesses da classe, da própria política editorial de cada órgão de imprensa. Ou seja, não são tão independentes quanto pensam que são e que exigem que todos sejam assim.

Essas são apenas algumas famílias da entrevista de Gil, que boje deve provocar espasmos especialmente em São Paulo e está destinado a ser o ponto forte das discussões nessas épocas de espera do Carnaval, pouco propícias pois ao evocar de fantasias. No deserto de opiniões e de manancial de omissões onde estão os artistas brasileiros nestes tempos de falta de trabalho e até esperança de a ver que mais uma vez — dez anos depois — são os balanos que estão levando os assuntos e assim favorecendo a abertura do Brasil. Não se faz e pensar a minha música. Grave isso, que depois do Tropicalismo não tenha aparecido nada além de alguns artistas intelectuais, mas nenhum com capacidade de ir além do aproveitamento pessoal e criativo de Gil e Caetano, e capaz de influir decisivamente nos rumos do processo cultural brasileiro como eles. E sem sequer aparecer algum para tentar afirmar sua música, sua novidade e sua força de arte deles. Ninguém teve coragem (e qualidade) para assumir uma postura realmente revolucionária em relação à música brasileira, que para tal exige uma contestação profunda do que veio imediatamente antes, no caso os grandes balanos. De mesma forma, mas musicais em vigência no Brasil, da mesma maneira que os tropicalistas fizeram sua revolução desreperção na relação com o sistema político popular brasileiro", com todos os seus deuses e mitos.

Odo outro lado, os atrevidos, os que têm pelo menos levado adiante os processos criativos da música brasileira? Então apontando idéias e pensando ainda mais antigas que os balanos.



Chico: na marca dos 600 mil discos vendidos

Números provam que nossa música continua crescendo

● Os problemas econômicos vividos pelo Brasil não devem ter atingido o mercado musical. O último disco de Roberto Carlos já ultrapassou a marca de um milhão e 200 mil de exemplares vendidos; o de Chico Buarque de Holanda já passou dos 600 mil; o de Maria Betânia, meio milhão; o de Beth Carvalho, 400 mil; os de Martinho da Vila e Clara Nunes já estão com uma venda superior aos discos que lançaram no ano passado: mais de 300 mil.

● Outros números em matéria de música popular são relacionados com a arrecadação de direitos autorais. Eis os compositores que mais faturaram nos três primeiros trimestres de 1978 (ou seja: até setembro): Erasmo Carlos, Cr\$ 1.889.279,49; Chico Buarque de Holanda, Cr\$ 1.808.278,72; Benito de Paula, Cr\$ 1.630.002,68; Caetano Veloso, Cr\$ 1.580.976,91; Roberto Carlos, Cr\$ 1.574.975,30; Vando, Cr\$ 1.406.136,30; Peninha, Cr\$ 1.394.110,62; Morris Albert, Cr\$ 1.338.209,92; Roberto Livi, Cr\$ 1.313.794,87; Rita Lee, Cr\$ 1.241.662,32; Tom Jobim, Cr\$ 1.228.771,70; Gilberto Gil, Cr\$ 1.122.658,74; Jorge Ben, Cr\$ 1.077.221,80; Hermes Aquino, Cr\$ 1.060.358,56; Zé Rodrix, Cr\$ 1.036.563,80; Adelino Moreira, Cr\$ 1.016.251,15. Dos compositores que já morreram, o que proporciona maior arrecadação ainda é Ari Barroso, com Cr\$ 695.775,95.

● Uma curiosidade musical: a gravação que mais tempo permanece em catálogo é um bolero que deve ser desconhecido do público carioca: "Amor fingido", gravado pelo seu próprio autor, Ademar Silva. Foi uma gravação feita em 1964 e que nunca saiu do catálogo.

● Toquinho & Vinícius estão terminando a gravação do Lp comemorativo dos dez anos de parceria. Produzido por Luiz Roberto, o disco conta com a parti-

cipação de Tom Jobim, Chico Buarque e de um trio feminino chamado Moendas, lançado pela dupla. São três sergipanas radicadas na Bahia que participarão inclusive de uma série de espetáculos que Toquinho & Vinícius farão em várias cidades brasileiras, sob o patrocínio de uma indústria automobilística.

● Jorge Ben, que estréia hoje no Teatro Clara Nunes, foi roubado por Rod Stewart (aliás, esse tipo de coisa está acontecendo com uma frequência assustadora: ou roubam uma música inteira ou parte dela). "Taj-Mahal", de Jorge Ben, foi gravada por Stewart que colocou o seu nome como autor exclusivo. Por falar em Jorge, uma das músicas novas lançadas em seu espetáculo tem o seguinte nome: "Quem não mandou não jogar no bicho? Deu macaco".

● No próximo dia 29, o compositor Roberto Martins (um dos nomes mais importantes de uma grande e rica fase de nossa música popular) estará fazendo 70 anos. Neste ano, por sinal, também farão 70 anos os compositores Jaime Florence (o Meira), Bucy Moreira e Mano Décio da Viola. Carmem Miranda, se estivesse viva, estaria completando também 70 anos no dia 9 de fevereiro. Ataulfo Alves, dia 2 de maio.

● Já está em todas as bancas de jornais o livro "O seu verdadeiro signo", de autoria do compositor Carlos Lira, revelando que os horóscopos andam todos errados.

● Surgem discos de sambas-enredo de todos os lados. Além daquele que reúne os sambas das 16 principais escolas do Rio de Janeiro, foram lançados elepês com as escolas de Niterói e de Juiz de Fora. A Top Tape lançou ainda um disco com 14 sambas de quadra lançados para o carnaval de 1979.